REPRESENTAÇÕES DAS FEMININILIDADES E DAS MASCULINIDADES NOS *CARTUNS* DE *CLÁUDIA*

Márcia Maria Severo Ferraz (UFSM)

RESUMO

Nesta pesquisa em que se analisam as representações sociais na linguagem, considerando-se as visões femininas e masculinas, bem como as diferenças de gênero subordinadas aos processos sociais, considera-se que os paradigmas culturais de gênero são referenciais que estruturam toda a vida dos indivíduos, determinando seus discursos e suas condutas. Assim, objetiva-se detectar, especialmente, no gênero discursivo *cartum*, as ocorrências dos processos de desenvolvimento das estratégias de leitura, referentes aos gêneros feminino e masculino, verificar as suas motivações em relação às estratégias discursivas utilizadas, bem como relacionar as produções desses gêneros, relacionando-os aos processos de compreensão dos significados. Para tanto, pode-se considerar que as identidades de gênero são construídas, enfatizando-se as desigualdades as quais, desde a antigüidade, sempre foram incutidas e tornadas naturais a fim de conformar as condutas de mulheres e homens. Contudo, essas desigualdades devem ser banidas da sociedade e buscam-se estabelecer focos de resistência que promovam as diferenças centradas nas identidades de mulheres e homens. Os pressupostos teóricos utilizados associam as teorias culturais de gênero à multimodalidade e à teoria da enunciação de Kerbrat-Orecchioni. Dessa forma, utiliza-se o método de comparação qualitativa dos elementos discursivos, enunciativos e imagéticos a fim de verificar como as representações sobre as feminilidades e as masculinidades são veiculadas pela mídia, nos *cartuns* intitulados *Curvas Perigosas*, veiculados na revista *Cláudia*.
Palavras-chave: representações sociais, feminilidades, masculinidades, identidades

ABSTRACT Discoursive and imagetic representations in *Claudia* Magazine's cartoons

In this research, in which we analyse social representations on language, considering both feminine and masculine perspectives as well as the gender differences subordinated to social processes, we take into consideration that gender cultural paradigms are references that structure all individuals lifes, determining their discourse and behavior. Thus, we aim to detect especifically in cartoon the occurrences of developmental processes on reading strategies associated to each gender, to verify the motivations linked to the used discoursive strategies, as well as relating the production of these genders, relating them to the process of comprehension of meanings. For in a such way, we consider that the gender identities are constructed, emphasizing the inaqualities which, since the seniority, has been always infused and become natural in order to conform the behavior of women and men . However, these inaqualites must be banished of society and it is aimed to establish focus of resistance that promote the differences centered in identities of women and men. The theoretical background of this work comprises the cultural theories of gender to multimodality and Kerbrat-Orecchioni's theory of enunciate. In this way, we use the method of qualitative comparision of discoursive, enunciative and imagetic elements in order to verify how the representations of feminities and masculinities are propragated by media, more especifically in *Curvas Perigosas* cartoons from *Claudia* maganize.
Keywords: social representations, feminities, masculinities, identities

Neste trabalho, analisam-se interações de feminilidades e de masculinidades bem como as representações atribuídas a mulheres e homens. Desse modo, destaca-se que a ascensão do feminismo contemporâneo na sociedade ocidental, a partir dos anos 60, somada às imensas mudanças nas atribuições femininas, tanto domésticas quanto profissionais, estimulou uma investigação maciça e abrangente sobre a condição das mulheres no passado e

sobre como os padrões antigos têm condicionado determinadas situações. De forma crescente, essa investigação também atingiu os homens – na história de ambos os gêneros – uma vez que um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.

Segundo Welzer-Lang (2004), a proposta de desconstrução do gênero passa pelo estudo de homens e mulheres em conjunto e, para se compreender as relações sociais de sexo nas representações e práticas femininas e masculinas, é necessário comparar como homens e mulheres enunciam e definem certas práticas sociais.

Assim, propõe-se esta análise, dentro de uma perspectiva semiótico-discursiva/multimodal, das modalidades de construção das representações dos modelos de mulher/homem nos *cartuns*, porque é através dos gêneros discursivos que se pode chegar a conhecer como se tem produzido o processo histórico de profunda transformação nas atividades desenvolvidas pelas mulheres e pelos homens, principalmente nas sociedades ocidentais.

Basicamente, interessa conhecer a maneira como as histórias de humor/ironia, fragmentos do discurso social, constroem e propõem as representações de gênero, levando em conta os processos de troca desempenhados por mulheres e homens na sociedade, que se evidencia, entre outras causas, com o aumento do ingresso feminino na esfera pública nas últimas quatro décadas.

Logo, como hipótese central, demonstra-se que *Curvas Perigosas* representam o processo de avanço feminino no espaço público e manifestam as transformações nas relações de gênero que redefinem as identidades femininas e masculinas, permitindo dar conta de qual é o lugar das mulheres e dos homens na atualidade, segundo uma apreciação particular dos gêneros humorísticos.

O interesse por este tema surge a partir dos processos de troca relativos às mulheres que se tem produzido como conseqüência da emancipação política e à liberação sexual feminina, posterior à Segunda Guerra Mundial, durante a década de 60. Neste período, nasceu uma nova figura sócio-histórica a que Gilles Lipovetsky define como a "terceira mulher ou mulher indeterminada, o qual implica uma ruptura capital na configuração do papel histórico e social feminino e expressa uma maior participação das mulheres na esfera pública" (LIPOVETSKY, 2000:218).

Parte-se, assim, de uma perspectiva semiótico-discursiva/multimodal com o objetivo de poder identificar a construção dos diferentes modelos de mulheres que aparecem representados nos *cartuns* estudados, tendo em conta a caracterização das personagens no espaço público/privado, a representação do gênero por meio da linguagem icônica e verbal, os

atributos que se conferem às personagens femininas e masculinas, como também conhecer quais são as ideologias ou lugares comuns legitimados ou questionados pela cartunista, as temáticas recorrentes e as representações sociais de mundo que ali operam.

As relações de gênero

Perrot (2005) refere que a dimensão maior da história das relações entre os sexos, a dominação dos homens sobre as mulheres, considerada como relação de forças desiguais, expressa-se freqüentemente pela violência. Contudo, o processo de civilização a fez recuar, tornando-a mais sutil e mais simbólica. Apesar disso, ainda subsistem grandes explosões de uma violência direta e sem dissimulação, sempre pronta a ressurgir, "com a tranqüila segurança do direito de poder dispor livremente do corpo do outro, este corpo que lhe pertence" (p. 454).

Considerando-se a dominação masculina, Bourdieu (2005) afirma que não é possível dar conta da violência simbólica – uma dimensão de toda dominação e, portanto, presente na dominação masculina sem colocar a questão das condições sociais das quais ele é o produto

> O trabalho de formação se realiza através da familiarização com um mundo simbolicamente estruturado ou através de um trabalho de inculcação coletivo, mais implícito do que explícito, do qual fazem parte principalmente os grandes rituais coletivos, e pelo qual se opera uma transformação durável dos corpos e da maneira usual de usá-los (p. 93).

O autor acredita que as aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os gêneros como *habitus* sexuados), "como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa" (BOURDIEU, 2005:9).

Segundo Thébaud (1991), também se deve considerar tudo o que dá sentido às atividades e aos estatutos respectivos das mulheres e dos homens, sondando, nas suas múltiplas formas, as funções e os restos de todo o simbolismo sexuado, quer ele emane dos poderes, dos indivíduos ou dos grupos. Utilizado na maior parte das vezes para hierarquizar e significar relações de poder, esse simbolismo contribui mais para travar a mudança do que para acelerá-la.

Concepções de gênero, organicamente construídas, inter-relacionam-se dialeticamente, dando, assim, ensejo à superação das contradições nelas contidas, através da prática política. Esta constitui uma razão nuclear para não se fugir do conceito de poder, quando se analisam

relações de gênero. Quando não se concebe o gênero como relação social que é, mas como oposições decorrentes de traços inerentes aos distintos seres, "não se é capaz de perceber os diferentes poderes detidos-sofridos por homens e mulheres" (SAFFIOTI, 1992:190).

As representações sociais das feminilidades e das masculinidades nos *cartuns* de Cláudia

Nesta pesquisa, utiliza-se o conceito de representação de Chartier (1988:17), o qual estabelece que "as representações são estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço pode ser decifrado". Desse modo, o estudo das representações é uma forma possível de pensar e perceber a história, pois, por meio de uma determinada representação, pode-se dialogar com os padrões e valores de um período, desenhar quais são os elementos que constituíam/definiam a beleza, a dicotomia belo/feio, bem como se perceberem as relações feitas sobre este ou qualquer outro tema.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, Lipovestky (2002) refere que se instalou uma nova figura social do feminino, *a terceira mulher*, instituindo uma ruptura muito importante na "história das mulheres" e exprimindo um último avanço democrático aplicado à condição social e identitária do feminino. Desse modo, o lugar do feminino não é mais preornado, orquestrado de ponta a ponta pela ordem social e natural. O mundo fechado de antigamente foi substituído por um mundo aberto ou aleatório, estruturado por uma lógica de indeterminação social e de livre governo individual, análoga em seu princípio à que organiza o universo masculino.

Se há sentido em falar de revolução democrática a respeito da "construção social dos gêneros, é, antes de tudo, por eles agora se encontrarem consagrados ao mesmo destino", marcado pelo poder de livre disposição de si e pela exigência de inventar a si próprio fora de qualquer imperatividade social (LIPOVETSKY, 2002:12).

Se houve empenho em reduzir as oposições de gênero, nem por isso preparou-se sua confluência, uma vez que

> as identidades sexuais mais se recompõem do que se desfazem, a economia da alteridade masculino/feminino não é de modo algum arruinada pela marcha da igualdade. O homem permanece prioritariamente associado aos papéis públicos e "instrumentais", a mulher, aos papéis privados, estéticos e afetivos: longe de operar uma ruptura absoluta com o passado histórico, a modernidade trabalha em reciclá-lo continuamente. A época da mulher-sujeito conjuga descontinuidade e continuidade, determinismo e imprevisibilidade, igualdade e diferença: a terceira mulher conseguiu reconciliar a mulher radicalmente outra e a mulher sempre recomeçada (LIPOVETSKY, 2002, p. 15).

Para Morin (1977), os dois grandes temas da imprensa feminina, de um lado, a casa, o bem-estar, de outro lado, a sedução, o amor, foram, de fato, os dois grandes temas

identificadores da cultura de massa, mas é na imprensa feminina que esses temas se comunicam estreitamente com a vida prática: conselhos, receitas, figurinos-modelos, bons endereços, correio sentimental orientam e guiam o saber-viver quotidiano.

Quanto à masculinidade, um dos aspectos que mais chamam atenção é que o novo homem está começando a dar conta das ansiedades dela – a nova mulher. Pode-se verificar, assim, que o machismo perdeu terreno e, no seu lugar, entrou a delicadeza, pois eles hoje estão mais atentos aos movimentos internos de suas companheiras e também se mostram mais participativos na vida familiar. Pais e filhos nunca estiveram tão próximos quanto hoje e o contato mais íntimo com os filhos serviu de trampolim para a maior transformação masculina, pois o amor que os homens aprenderam a dar e a receber de seus filhos fez com que eles tomassem contato com seus próprios sentimentos, sufocados durante séculos.

Conell (1995) refere que o gênero é sempre uma estrutura contraditória, e é isso que torna possível sua dinâmica histórica, impedindo que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias. O padrão freqüentemente chamado de "masculinidade tradicional" e vinculado à "família tradicional" é, na verdade, uma forma de gênero historicamente recente, um produto claro do mundo moderno.

Pode-se verificar que todas as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo, seja ela de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso. Desse modo, o interesse dos homens na hierarquia do gênero, definida pelo dividendo patriarcal, é real e grande, mas internamente dividido e cruzado por interesses relacionais partilhados com as mulheres (CONELL, 1995).

Especificamente selecionou-se revista *Cláudia*, publicação da Editora Abril, examinando-se os *cartuns* intitulados *Curvas perigosas* nos quais se aposta em textos mais curtos e desenhos mais diretos (o que não significa menos elaborados) para abordar uma temática ampla.

De acordo com Leon & Belsito (2006), as protagonistas femininas que aparecem em *Curvas Perigosas* encarnam os ideais da cultura hedonista e individualista pós-moderna, pois são mulheres que se encontram motivadas por interesses particulares como a preocupação com o cuidado do corpo, o realce da beleza do rosto, a melhora da sua imagem e aparência. Em síntese, como bem demonstram suas próprias palavras por ser "eternamente jovens, belas, magras e sem celulite".

As personagens masculinas são concebidas pela enunciadora como egoístas, machistas, individualistas, carentes de romantismo, reticentes para demonstrarem suas emoções e seus sentimentos em público e, às vezes, como vítimas de suas ex-esposas, as quais são definidas

como ressentidas e vingativas. Dessa forma, Maitena representa o poder falocrático masculino por meio do domínio que os homens exercem sobre o controle remoto da televisão que é uma alegoria ao machismo, ao poder patriarcal, ao domínio que tradicionalmente eles exerciam sobre a vida das mulheres.

Constituinte básico do gênero *cartum*: ironia e a teoria lingüística da enunciação de Kerbrat-Orechioni

Nesta pesquisa, verificam-se procedimentos irônicos nos *cartuns* de *Cláudia*, configurando diversas estratégias de compreensão e representação do mundo. Desse modo, é necessário partir-se da análise de determinadas manifestações de humor que "não parecem estar necessariamente a serviço do riso, embora essa seja uma conseqüência inevitável" (BRAIT, 1996:13).

Assim, de acordo com Possenti (2002), tentam-se explicitar aspectos da representação identitária por meio de material humorístico e, ainda mais relevante do que explorar a associação entre humor e identidade, é a hipótese de que tal identidade esteja representada por meio de estereótipos.

Parte-se de duas especificações

> Primeiro, que a identidade é social, imaginária, representada, tese que se opõe à suposição de que a identidade se caracteriza por alguma espécie de essência ou realidade profunda. No entanto, assumir-se também o fato de que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é seu espelho, sua cópia. Segundo, e como conseqüência, o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por uma redução (freqüentemente negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar.

Conforme Brait (2002), refletir sobre o humor requer tanto do enunciador quanto do enunciatário uma competência discursiva especial, pois significa saber o quanto isso poderia representar em extensão e repetição. Assim sendo, essa postura funcionaria como uma primeira estratégia de delimitação do aspecto particular do humor concretizado pela ironia. Essa perspectiva

> Parece ter a conveniência de instaurar a ironia como um processo discursivo passível de ser observado em diferentes manifestações de linguagem e cujo destino interpretativo deve fazer parte de seu próprio mecanismo gerativo, o que significa dizer que atua segundo uma estratégia que inclui previsões do movimento do outro – tal como acontece em toda estratégia (p. 14).

É importante destacar que esse recorte se insere na concepção de linguagem que possibilita o reconhecimento da enunciação como componente essencial do objeto deste estudo - os *cartuns* de Cláudia – bem como uma técnica argumentativa que visa apresentar teses compatíveis ou incompatíveis como referem Perelman & Olbrechts-Titeca (1999).

Para esses autores, “através da ironia quer-se dar a entender o contrário do que se diz” (p. 235). Desse modo, constata-se que a ironia é pedagógica, porque o leitor pode escolher livremente; sempre supõe conhecimentos complementares acerca de fatos, normas; possui caráter paradoxal e é mais social, já que para empregá-la é preciso um mínimo de acordo; fica ainda mais eficaz quando é dirigida a um grupo bem delimitado, pois apenas a concepção que se faz das convicções de certos meios pode fazer perceber se determinados textos são ou não irônicos.

Assim, o uso da ironia é possível em todas as situações argumentativas, contudo algumas parecem-lhe convir particularmente, pois nela, segundo Reboul (1998:132) “zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar a entender”. Trata-se, dessa forma, de uma figura de pensamento, pois tem dois sentidos: sua matéria é a antífrase – que diz respeito à enunciação, e não ao enunciado – e seu objetivo, o sarcasmo.

A teoria lingüística da enunciação de Kerbrat-Orechioni (1980) é concebida restritivamente como o estudo de todos os lugares em que se inscreve o sujeito da enunciação e busca fazer um levantamento de algumas unidades lingüísticas que parecem mais relevantes. Essa autora descreve unidades que funcionam como índices da subjetividade na linguagem.

Para isso, propõe-se compreender a onipresença da subjetividade lingüística, partindo-se da avaliação da enunciadora Maitena, que seleciona e interpreta ironicamente situações do cotidiano de mulheres e homens. Já em relação à linguagem propriamente dita, a autora entende que ela classifica, ordena, analisa, avalia, pressupõe, infere e explica o referente extralingüístico inserindo-o em um significante verbal.

Para tanto, analisam-se algumas marcas da subjetividade lingüística da enunciação e a primeira delas é denominada por Kerbrat-Orechioni (1980:38) de “subjetividade do tipo interpretativo, pois distingue diversos graus dessa categoria”. Interessa, portanto, destacar os sistemas de oposição, hierarquizados axiologicamente entre mulheres e homens, já que esses são recorrentes nos *cartuns*.

Assim, para se verificar o valor axiológico, positivo ou negativo, de um termo é necessário que se tenha em conta o contexto verbal e o que se crê saber da ideologia da enunciadora. Deve-se, desse modo, analisar a fonte avaliativa do objeto que recebe a avaliação positiva ou negativa e o grau de intensidade com que esta se formula.

Curvas perigosas

Análise e discussão

O cartum *Diga-me quem você é e direi o que você vai saber por último* (CP1) está dividido em oito quadros que retratam relações de gênero estabelecidas a partir das representações de aspectos da feminilidade e da masculinidade. Para tanto, analisam-se essas relações de gênero, tendo em vista posturas femininas e masculinas, especialmente pelo fato de a enunciadora ser uma mulher, cujo sucesso como cartunista é reconhecido internacionalmente.

Nos enunciados de CP1, verificam-se diversas situações em que os estereótipos de gênero estabelecem diferenças para a assimilação de determinadas informações. Isso se constata comparando os quadros um (Q1) e quatro (Q4) pois, quando a esposa fica sabendo que o marido tem outra mulher, desespera-se, enquanto ele, ao contrário, quando ela pede o divórcio, continua indiferente fazendo a barba. Também ao se relacionar esposa e marido, pode-se inferir que o pedido de divórcio feito por ela se deu devido à traição masculina a qual se perpetua há muitas gerações, uma vez que as relações extraconjugais dos homens com várias mulheres "não só são permitidas, como freqüentemente incentivadas pela sociedade, e a virilidade deles é medida em grande parte por essas experiências" (BASSANEZI, 2004:612).

Quanto às relações de maternidade e de paternidade nos quadros dois (Q2) e três (Q3), é visível a diferença, uma vez que a mãe recebe a notícia de que a "sua" filha está grávida, como se a responsabilidade disso fosse apenas dela. Já, no Q3 o pai é informado pelo filho da opção sexual homoérótica dele e demonstra bastante contrariedade. Optou-se pelo gênero masculino em detrimento do feminino, pois, de acordo com as teorias culturais de gênero, entende-se que a expressão *gay* diz respeito apenas ao relacionamento homossexual masculino, enquanto que lésbica refere-se ao homossexualismo feminino.

Nos quadros cinco (Q5) e seis (Q6) são ditas determinadas verdades aos filhos; a ele, que não é filho natural, mas sim adotado; a ela, como se deu a perda do seu cão de estimação. Pode-se verificar nesse contexto uma distinção de cunho cronológico, pois o filho parece ser uma criança enquanto a filha, uma adolescente.

Posteriormente, no quadro sete (Q7) há a notícia da separação do casal à sogra. De quem? Do marido ou da esposa? Acredita-se que a sogra é a mãe do marido cuja esposa traída pediu o divórcio e que essa separação não é bem aceita justamente por ter sido feita pela esposa. Se fosse por ele, o marido, traidor, isso mudaria radicalmente, uma vez que, na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional.

No quadro oito (Q8), a mulher recebe a notícia de que a sua melhor amiga a traiu com o seu noivo. Será que isso quer confirmar o mito de que não existe amizade entre as mulheres ou enfatizar a virilidade masculina, pois nem a melhor amiga escapa? É claro que se opta pela segunda opção a qual valoriza a supremacia masculina, enfatiza a virilidade do homem e, especialmente, reforça a cultura dominante que afirma o padrão heterossexual, tornando o homem ridiculamente "mais homem".

Pode-se considerar que no quadro nove (Q9) a informação dada ao paciente de uma doença maligna é encarada por ele como algo terrível. Sugere-se então que os homens ficam mais fragilizados ao receberem determinadas notícias do que as mulheres, que são chamadas de sexo frágil, apesar de enfrentarmos as dores do parto, os incômodos da gestação...

Quando o homem, provedor, recebe a notícia da sua demissão no quadro dez (Q10), fica perplexo. Com a dificuldade de encontrar trabalho, será que ele vai se tornar dependente de sua mulher para o seu sustento? Acredita-se que sim, uma vez que formamos um enorme contingente de trabalhadoras e chefes de família...

Em relação aos quadros onze (Q11) e doze (Q12)), a viúva recebe como herança do marido apenas dívidas enquanto que o único herdeiro descobre que tem mais três irmãos. Dessa forma, verifica-se a supervalorização do poder econômico o qual é considerado por nós o Deus dos tempos atuais.

Realiza-se uma análise deste *corpus* partindo-se de dois níveis: o nível lingüístico e o nível lingüístico-icônico, porque nas histórias consideradas há uma confluência da linguagem icônica, não-verbal, com a linguagem escrita, verbal. Desse modo, esses dois níveis têm sido trabalhados na enunciação com base nos sistemas de dicotomias fundamentais que se desenvolvem: feminino e masculino.

Nesta investigação, observa-se que *Curvas Perigosas* reproduz certos valores que circulam na sociedade em distintos momentos históricos, quer dizer, propõem diferentes temáticas e representações sociais do mundo que incidem na maneira de apresentar as personagens femininas e masculinas e revelam as modificações nas atribuições de mulheres e homens de acordo com os valores característicos predominantes do mundo que representam.

Referências Bibliográficas

BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados.** In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed., São Paulo: Contexto, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRAIT, Beth**. Ironia em perspectiva polifônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CHARTIER, Roger. A história das mulheres , séculos XVI-XVII. In: **A mulheres e a história**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

CONELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez, p. 185-206, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEON, Karina & BELSITO, Marina. **O papel da mulher**. 2006.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – I: Neurose. Tradução de Maura Ribeiro Saldanha. 4. ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

ORECCHIONI, Cathérine K. **La enunciación de la subjetividad en el lenguage**. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1980.

PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, LUCIE**. Tratado da argumentação:** a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1998

THÉBAUD, Françoise. **História das mulheres no ocidente**: o século XX. Direção **de DUBY, Georges e PERROT, Michelle.** Porto: Afrontamento, vol. 5, 1991.

SAFIOTTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (orgs) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas,1992.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M. R. (org.) **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.